

Os Custos da Resistência: Uma Releitura da Viúva Persistente (Lc 18:1–8) À Luz do Feminismo Negro

Los costos de la Resistencia: Una Relectura de la Viuda Persistente (Lc 18:1–8) A la Luz del Feminismo Negro

The Costs of Resistance: A Rereading of the Persistent Widow (Luke 18:1–8) In Light of Black Feminism

Resumo

Este artigo propõe uma leitura da parábola da viúva persistente (Lc 18:1-8) a partir das contribuições do feminismo negro. Tradicionalmente interpretada como um modelo de perseverança na oração, essa narrativa é revisitada neste texto como uma história que também revela os custos da resistência. A partir das experiências históricas de mulheres negras, analisamos como a figura da viúva pode ser compreendida não apenas como símbolo de fé e persistência, mas também como expressão das tensões, vulnerabilidades e desgastes que acompanham a luta contínua por justiça. Ao enfatizar dimensões frequentemente silenciadas, como estigmatização social, gasto de tempo e energia e desgaste emocional, o artigo busca problematizar a romantização da resistência e ampliar a reflexão teológica sobre as experiências de mulheres negras.

Palavras-chave: Resistência; Mulher Negra; Lucas 18:1-8; Viúva Persistente, Feminismo Negro

Resumen

Este artículo propone una lectura de la parábola de la viuda persistente (Lc 18:1-8) a partir de las contribuciones del feminismo negro. Tradicionalmente interpretada como un modelo de perseverancia en la oración, esta narrativa es revisitada en este texto como una historia que también revela los costos de la resistencia. A partir de las experiencias históricas de mujeres negras, analizamos cómo la figura de la viuda puede entenderse no solo como símbolo de fe y persistencia, sino también como expresión de las tensiones, vulnerabilidades y desgastes que acompañan la lucha constante por justicia. Al enfatizar dimensiones frecuentemente silenciadas, como la estigmatización social, el gasto de tiempo y energía y el desgaste emocional, el

¹ Mestra em Estudos Críticos de Gênero e Teologia pela Comunidad Teológica de México. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4579-783X>. E-mail: nathaliamontezuma@gmail.com.

artículo busca cuestionar la romantización de la resistencia y ampliar la reflexión teológica sobre las experiencias de las mujeres negras.

Palabras clave: Resistencia; Mujer Negra; Lucas 18:1-8; Viuda Persistente; Feminismo Negro

Abstract

This article proposes a reading of the parable of the persistent widow (Luke 18:1–8) drawing on the contributions of Black feminism. Traditionally interpreted as a model of perseverance in prayer, this narrative is revisited here as a story that also reveals the costs of resistance. Drawing from the historical experiences of Black women, we analyze how the figure of the widow can be understood not only as a symbol of faith and persistence but also as an expression of the tensions, vulnerabilities, and weariness that accompany the ongoing struggle for justice. By emphasizing dimensions often silenced—such as social stigmatization, expenditure of time and energy, and emotional exhaustion—the article seeks to problematize the romanticization of resistance and broaden theological reflection on the experiences of Black women.

Keywords: Resistance; Black Woman; Luke 18:1–8; Persistent Widow; Black Feminism

Introdução

Este texto não busca oferecer conclusões definitivas, mas provocar reflexões sobre um tema essencial: a resistência frequentemente associada à experiência histórica das mulheres negras. No contexto afro-latino-americano e caribenho, essa resistência remonta a tempos ancestrais, e foi sendo transmitida entre gerações como parte das estratégias de sobrevivência diante de múltiplas formas de opressão. Mais do que um simples ato de enfrentamento, ela passou a ocupar um lugar central nas narrativas construídas sobre a experiência da mulher negra, muitas vezes vinculando sua história à ideia permanente de luta e superação.

Essa resistência não surge apenas no contexto das Américas e do Caribe. Ela também se relaciona com experiências históricas muito mais antigas, enraizadas nas cosmologias e nas formas de organização social de diversos povos africanos. Antes mesmo da diáspora, muitas mulheres africanas desempenhavam papéis centrais na preservação da vida comunitária, na transmissão de saberes e na mediação de conflitos.

Quando essas mulheres e seus descendentes foram violentamente deslocados para o continente americano, várias dessas práticas de resistência foram recriadas em novos contextos e passaram a integrar as estratégias de sobrevivência das populações afrodescendentes. Assim, a resistência frequentemente associada às mulheres negras nas Américas e no Caribe pode ser compreendida como a continuidade de uma memória histórica que atravessa o Atlântico. En-

tretanto, essa associação também contribuiu para a produção de um imaginário social que reduz as mulheres negras à figura da “mulher resistente”.

Nesse contexto, muitas mulheres negras acabam assumindo esse rótulo — ou têm essa característica atribuída a elas — como consequência de práticas e imaginários racistas que historicamente moldaram sua representação social. Expressões como “nós somos resistência” ou “as mulheres negras são resistentes” circulam amplamente, fazendo com que a resistência passe a ser mobilizada quase como “um slogan, lema ou grito de guerra” (Hooks, 2019, p. 34), muitas vezes sem uma reflexão mais aprofundada sobre o significado e as implicações dessa afirmação.

Diante dessa circulação pouco problematizada do termo, torna-se necessário examinar com mais atenção o próprio significado de “resistência”. A resistência pode ser compreendida como a ação de não ceder ou sucumbir, a recusa de submissão à vontade de outrem ou ainda a capacidade de suportar dificuldades e adversidades. Embora essas definições enfatizem força, oposição e perseverança, elas também revelam um elemento importante: a resistência só se torna necessária quando existem forças que buscam submeter, explorar ou silenciar.

Como mulher negra, tenho refletido intensamente sobre essa rotulação social que nos inscreve em uma identidade constantemente associada à resistência e que, por vezes, também acabamos reproduzindo. Pergunto-me: até que ponto essa noção realmente nos fortalece, nos acolhe e nos representa de maneira justa? Vivemos, assim, em um paradoxo doloroso. A injustiça nos empurra para a resistência como destino, consumindo-nos e nos afastando do direito inalienável a uma vida plena e justa, um dom divino que deveria ser inquestionável.

Diante dessas múltiplas interpretações sobre a resistência, torna-se igualmente relevante observar como essa ideia aparece na tradição cristã. No pensamento cristão, a resistência costuma ser compreendida como uma virtude ligada à perseverança e à fé em Deus. Ela se manifesta na capacidade de enfrentar adversidades, manter-se firme nas convicções, resistir às tentações e encontrar fortalecimento espiritual. Embora esse conceito seja explorado em diferentes áreas do conhecimento, do esporte às ciências sociais, da psicologia à física, o propósito desta reflexão é analisá-lo sob uma perspectiva hermenêutica, sem perder de vista sua relevância no pensamento crítico do feminismo negro.

Para isso, recorro à figura da viúva persistente em Lucas 18:1-8 como fio condutor para refletirmos sobre a resistência por meio de uma abordagem cuidadosa e sensível, atentando não apenas para sua força, mas também para os custos que essa luta impõe. Nesta leitura, a persistência da viúva revela uma forma concreta de resistência diante de um sistema injusto. Seu gesto não representa apenas uma virtude individual, mas expõe estruturas sociais que negam justiça aos sujeitos mais vulneráveis.

Essa releitura exige, portanto, uma postura crítica diante das interpretações tradicionalmente consolidadas dessa narrativa. Diante disso, torna-se imprescindível cultivar uma postura inquieta e questionadora, preservando a curiosidade mesmo diante das certezas que nos parecem inabaláveis. Somente ao nos permitirmos interrogar constantemente, inclusive aquilo que defendemos, seremos capazes de aprofundar nossa reflexão, sobretudo no que diz respeito à própria resistência.

A resistência como ferramenta e ato de existir no feminismo negro

O pensamento feminista negro nasceu no continente americano, embora sua terminologia tenha sido sistematizada nos Estados Unidos. Ele emerge das vivências de mulheres negras e de sua capacidade de autodefinição e autoavaliação (Collins, 2016), ao mesmo tempo em que questiona e busca transformar as estruturas de uma cultura profundamente marcada pelo patriarcado, racismo, classismo e outros sistemas de opressão que historicamente tentaram silenciar e subordinar essas mulheres. Como afirmam Silva e Conte (2021, p. 636), “o feminismo negro surge para que a mulher negra seja vista como um sujeito político que participa das questões sociais, econômicas e, sobretudo, para que seja reconhecida como um ser humano”, rompendo com perspectivas do feminismo branco que reduziram a opressão feminina apenas à dimensão de gênero.

A resistência pode ser compreendida como ato político, dimensão historiográfica e experiência subjetiva atravessada pelas interseções de gênero e raça. Enraizada nas vivências corporificadas das mulheres negras, ela carrega as marcas de uma história em que seus corpos foram transformados em “emblemas éticos”, territórios de exploração, manipulação e, simultaneamente, de reinvenção e luta (Gomes, 2019). Assim, a resistência não se limita à reação diante de sistemas opressores, mas se afirmar também como força criadora capaz de produzir rupturas e impulsionar transformações sociais.

Collins dialoga com a perspectiva foucaultiana de que “onde há poder, há resistência” (Foucault, 1988, p. 91). A partir dessa compreensão, a resistência não pode ser entendida apenas como reação ocasional à opressão, mas como dimensão constitutiva das próprias relações de poder, que precisa ser “tão inventiva, tão móvel e tão produtiva quanto ele” (Foucault, 1979, p. 241). Ao recusarem aceitar voluntariamente seu lugar de subordinação, mulheres negras transformam a vida cotidiana em um espaço simultâneo de opressão e enfrentamento, no qual emergem estratégias concretas de sobrevivência e dignidade (Pereira; Bernardino-Costa, 2021).

Nesse sentido, tais práticas ultrapassam a dimensão estritamente política ou institucional e se inscrevem na própria experiência diária. Como observam Silva e Bezerra (2021), elas atravessam a vida cotidiana e se manifestam em diferentes formas de sobrevivência e afirmação da dignidade. Trata-se de um

processo profundamente enraizado na própria existência das mulheres negras, que frequentemente precisam transitar entre sua própria compreensão de mundo e a lógica imposta pelas estruturas opressoras para garantir sua sobrevivência (Burstow, 1992 apud Grossi; Aginsky, 2001).

Essa compreensão da resistência também possui implicações epistemológicas. Medina (2013) afirma que, na epistemologia feminista negra, resistir significa recusar formas dominantes de conhecimento que invisibilizam ou distorcem as experiências das mulheres negras. Ao questionarem essas estruturas, elas transformam a resistência em um processo inventivo que desafia sentidos naturalizados e normas institucionais que moldam os sujeitos sociais (Dell’Aglío; Machado, 2018).

Essas formas de resistência também se expressam em práticas cotidianas frequentemente invisibilizadas, como a escrita, as artes, a construção de redes de afeto, o cuidado de si e o acesso ao conhecimento. Para Lorde (2012), o autocuidado constitui uma estratégia radical de resistência, pois, em uma sociedade que exige das mulheres negras uma força constante, cuidar de si torna-se um ato de afirmação da própria existência. De modo semelhante, hooks (2014) compreende a resistência como prática de sobrevivência capaz de transformar experiências de dor em possibilidades de solidariedade e apoio mútuo. Assim, a resistência das mulheres negras pode ser entendida como forma de agência criativa que desafia hierarquias sociais e produz novas possibilidades de existência.

Diante desse quadro, compreender a resistência a partir do feminismo negro torna-se fundamental para revisitar narrativas bíblicas que também retratam sujeitos em posição de vulnerabilidade. É nesse horizonte que se insere a análise da parábola da viúva persistente em Lucas 18:1-8, iluminando não apenas a força da resistência, mas também os custos que ela impõe.

Viúva persistente: Entre a resistência e a invisibilidade de seus custos

A parábola da viúva persistente aparece exclusivamente no Evangelho de Lucas. Diferentemente de outras viúvas mencionadas na Bíblia, essa personagem é caracterizada explicitamente por sua persistência diante da injustiça. Tradicionalmente, essa narrativa tem sido interpretada como um ensinamento sobre a perseverança na oração, sugerindo que a confiança em Deus pode sustentar quem enfrenta situações de vulnerabilidade (Bailey, 1995).

No entanto, a narrativa também permite perceber, nas entrelinhas, os custos inerentes à resistência. Embora resistir seja fundamental para a conquista de direitos, para a promoção da equidade e para a preservação da memória coletiva, esse processo também impõe um preço elevado. Esses custos não recaem apenas sobre a viúva da narrativa, mas também sobre mulheres negras que, ao longo da história, carregam o peso dessa luta contínua.

Examinemos, então, três custos fundamentais presentes nessa narrativa, que convidam a refletir sobre o peso da resistência e suas implicações na vida da viúva persistente.

a. Possível Estigmatização Social

A viúva em Israel simboliza uma figura social marcada pela vulnerabilidade e pela ausência de proteção masculina. No contexto do antigo Mediterrâneo, a morte do marido não significava apenas a perda de um companheiro, mas também uma mudança significativa de status social e econômico. Como observam Malina e Neyrey: “elas passavam a ocupar um status socioeconômico diferente. A viúva encontrava-se em uma situação precária em relação à sua ‘honra’, pois não tinha um homem para defendê-la, nem para proteger a honra de seus filhos e de sua casa” (1991, p. 63, tradução nossa).²

Essa condição ajuda a explicar por que o texto bíblico apresenta diversas leis destinadas à proteção das viúvas, indicando que frequentemente eram alvo de opressão e privações (Kiestemaker, 1992). Ainda que Deus seja descrito como defensor das viúvas, elas continuavam em desvantagem social (Ex 22,22-24; Dt 10,18; Dt 24,17; Dt 27,19; Sl 68,5; Is 1,17; Is 10,2; Jó 22,9; Jr 22,3; Ml 3,5; Mc 12,40; At 6,1; Tg 1,27; 1Tm 5,3-15).

Nesse contexto, a atitude da viúva na parábola torna-se ainda mais significativa. Como observa Bailey, “as mulheres não vão ao fórum. O Oriente Médio era e é um mundo dos homens, e não se espera que as mulheres participem com os homens no mundo de empurra-empurra e gritos” (1995, p. 315). Ao ocupar esse espaço público, a viúva rompe normas sociais profundamente enraizadas. Sua presença no tribunal, dominado por homens, era percebida como incômoda e inadequada.

A insistência em buscar justiça expõe um dos custos da resistência: a estigmatização social. Ao desafiar expectativas de comportamento feminino, a viúva corre o risco de ser vista como inconveniente, agressiva ou problemática. Como observa Richter, em sociedades patriarcais uma mulher que ultrapassa os limites do comportamento considerado adequado pode ser rotulada como “agressiva” ou “violenta” (1997, p. 63).

O próprio juiz afirma que a viúva o “molesta” (Lc 18:5), indicando que sua persistência não é interpretada como legítima busca por justiça, mas como perturbação da ordem social. Nesse sentido, o estigma social opera como um mecanismo que desqualifica e silencia aqueles que desafiam estruturas de poder (Leão; Lussi, 2021).

Quando a viúva aparece na narrativa, observa Bailey, o leitor sabe que ela está completamente sozinha, “sem pai, tio, irmão nem sobrinho para falar

² They entered a different socio-economic status upon the death of their husbands. A widow is in a precarious situation regarding her “shame” because she has no male to defend her and the honor of her children and household (Malina, Neyrey, 1991, p. 63).

por ela” (2016, p. 267). Sua solidão não é apenas uma condição pessoal, mas expressão de uma marginalização social mais ampla: ser viúva significava reivindicar direitos sem proteção, voz ou respaldo dentro da ordem patriarcal.

b. Tempo e Energia

A viúva dedica tempo e energia consideráveis em sua insistente busca por justiça. O versículo 3 indica que ela comparecia repetidamente diante do juiz, revelando que sua resistência exigia um investimento contínuo de esforço e perseverança. Esse processo impõe um custo elevado, pois os recursos despendidos nessa luta poderiam ser direcionados à própria subsistência. Ao retornar constantemente ao fórum, a viúva não apenas demonstra a urgência de sua causa, mas também expõe a brutalidade de um sistema que a obriga a reivindicar repetidamente aquilo que deveria ser um direito básico. Como observa Bruce, ela era “fraca demais para exigir, pobre demais para comprar a justiça” (Bruce, 1882 apud Bailey, 1995).

A narrativa oferece poucas informações sobre as condições concretas de sua vida. Não sabemos quão penosa era sua jornada até o fórum, mas sabemos que sua pobreza a impedia de subornar o juiz e limitava drasticamente suas possibilidades de defesa. Esse silêncio narrativo amplia a percepção do peso de sua luta e evidencia o alto custo de resistir em contextos de profunda desigualdade.

Segundo Mundenda e Van Eck, a presença constante da viúva diante do juiz “não foi algo privado, mas público. A comunidade esperava e observava para ver o que o juiz faria. Com sua insistência, ela envergonhou aquele que não tinha vergonha” (2021, p. 5, tradução nossa).³ A cena revela que sua atuação ocorre diante da comunidade, transformando a busca por justiça em um evento público que interpela diretamente a autoridade do juiz.

Essa dimensão pública permite reconhecer que o tempo e a energia investidos na resistência também constituem um problema social. Em contextos marcados pela desigualdade, mulheres negras e empobrecidas são frequentemente obrigadas a gastar tempo, força e dignidade para reivindicar direitos que deveriam ser garantidos. A parábola, lida criticamente, convida a refletir sobre esse custo invisibilizado: a injustiça exige resistência constante, mas esse esforço não pode ser romantizado.

Há uma violência silenciosa no fato de que o tempo e a energia de tantas mulheres sejam consumidos não para viver plenamente, mas para simplesmente persistir diante da injustiça.

³ Her appearance was not a private affair, but public. The community waited and watched to see what the judge would do. She shamed the shameless person with her continuous coming (Mundenda; Van Eck, 2021, p. 5).

c. Desgaste emocional

A parábola da viúva persistente vai além de um ensinamento sobre perseverança na oração. A narrativa também revela o custo emocional da resistência diante da injustiça. Embora a viúva possa ser vista como símbolo de fé e determinação, sua trajetória expõe o desgaste que acompanha aqueles que desafiam estruturas opressivas e insistem em buscar justiça.

Esse desgaste não deve ser compreendido apenas como frustração diante das negativas do juiz. Trata-se também de uma experiência inscrita no corpo que resiste. Mena-López (2005) afirma que o corpo é lugar de revelação, pois nele se inscrevem as marcas da história, da violência e das estratégias de sobrevivência das comunidades afrodescendentes.

A partir dessa perspectiva, o sofrimento da viúva deixa de ser apenas um detalhe narrativo e passa a revelar algo mais profundo: o corpo vulnerabilizado que insiste em comparecer diante do poder torna visível a injustiça estrutural que o sistema tenta ocultar. O desgaste emocional, portanto, não é apenas uma reação individual, mas a expressão concreta de um corpo que carrega, resiste e denuncia a violência de estruturas sociais que negam justiça.

A própria narrativa sugere diferentes dimensões desse desgaste. A viúva enfrenta vulnerabilidade social, dificuldades econômicas e a ausência de familiares ou defensores que falem por ela. Soma-se a isso a repetida recusa do juiz, que prolonga sua luta e intensifica o sentimento de isolamento. Sua persistência, portanto, não revela apenas coragem, mas também o peso emocional de uma resistência solitária.

Nas entrelinhas da parábola, esse desgaste expõe a vulnerabilidade das mulheres em uma sociedade marcada por desigualdades estruturais. A experiência da viúva ultrapassa a esfera individual e revela um padrão mais amplo de injustiça. Sua luta torna-se, assim, um microcosmo das experiências de tantas mulheres que, ao longo da história, têm sido obrigadas a resistir em contextos de marginalização e exclusão.

Conclusão

Reler a parábola da viúva persistente a partir do feminismo negro permitiu deslocar o olhar da exaltação da resistência para os custos que ela impõe. A narrativa revela que a resistência da viúva não é apenas sinal de virtude, mas também expressão de uma luta marcada pela estigmatização social, pelo dispêndio contínuo de tempo e energia e pelo desgaste emocional diante de estruturas injustas.

Essa leitura não nega a potência transformadora da resistência, mas questiona a expectativa de que certos corpos sejam continuamente convocados a sustentá-la. A viúva da parábola é lembrada por sua persistência; contudo, a

insistência em romantizar essa característica pode invisibilizar o peso que ela carrega.

Ao iluminar essas dimensões frequentemente silenciadas, esta reflexão convida a revisitar a narrativa bíblica com maior atenção às experiências daqueles que resistem nas margens. Nesse movimento, novas perguntas emergem, abrindo caminhos para leituras que continuem interrogando as Escrituras a partir das nossas vozes e corpos.

Referências bibliográficas

- Bailey, K. E. As parábolas de Lucas: a poesia e o camponês: uma análise literária-cultural. São Paulo: Vida Nova, 1995.
- _____. Jesus pela ótica do Oriente Médio: estudos culturais sobre os Evangelhos. São Paulo: Vida Nova, 2016.
- Collins, P. H. Aprendendo com a outsider *within*: a significação sociológica do pensamento feminista negro. In: Sociedade E Estado, v. 31, n. 1, p. 99-127, Jan/Abr 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/MZ8tz-zsGrvmFTKFqr6GLVMn>. Acesso em: 08 jan. 2026.
- Dell’Aglío, D.; Machado, P. Feminismo e o anarquismo pelas bordas: a resistência enquanto ação política. In: Conversas & Controvérsias, v. 5, n. 1, p. 44-56, Jan/Jun 2018. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/217058>. Acesso: 17 jan. 2026.
- Foucault, M. Microfísica do poder. 21ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- _____. História da sexualidade I: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
- Gomes, N. L. Sem perder a raiz: Corpo e Cabelo como símbolo da Identidade Negra. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.
- Grossi, P. K.; Aginsky, B. Por uma nova ótica e uma nova ética na abordagem da violência contra as mulheres nas relações conjugais. In: Violências e Gênero: Coisas que a Gente não Gostaria de Saber. Porto Alegre: EDI-PUCRS, 2001. Disponível em: https://www.google.com/books/edition/Viol%C3%AAcias_e_g%C3%AAnero/EgaegHUfNjMC?hl=en&gbpv=1&dq=info:G1O7lndCm70J:scholar.google.com&pg=PA7&printsec=frontcover. Acesso em: 22 jan. 2026.
- Hooks, B. Ain’t I a Woman? Black Women and Feminism. 2 ed. New York: Routledge, 2014.
- _____. Teoria Feminista: Da Margem ao Centro. São Paulo: Perspectiva, 2019.
- Kiestemaker, S. J. As parábolas de Jesus. **São Paulo: Casa Editora Presbiteriana**, 1992.
- Leão, A.; Lussi, I. A. O. Estigmatização: consequências e possibilidades de enfrentamento em Centros de Convivência e Cooperativas. In: Interface:

- Comunicação, saúde e educação, v. 25, p. 1-17, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/S7GHGjFtk4wNktnxxxYh6d>. Acesso: 17 jan. 2026.
- Lorde, A. *Sister Outsider: Essays and Speeches*. Pennsylvania: Crossing Press, 2012.
- Malina, B.; Neyrey, J. Honor and shame in Luke-Acts: Pivotal values of the mediterranean world. In: *The Social World of Luke-Acts: Models for Interpretation*. Massachusetts: Hendrickson Publishers, 1991, p. 25-65.
- Medina, J. *The Epistemology of Resistance: Gender and Racial Oppression, Epistemic Injustice, and the Social Imagination*. New York: Oxford University Press, 2013.
- Mena-López, M. *Nuestro cuerpo es lugar de revelación. Teología afroamericana, aportes metodológicos y epistemológicos*, 2005. Disponível em: https://www.academia.edu/39351600/Nuestro_cuerpo_es_lugar_de_revelaci%C3%B3n_Teolog%C3%ADa_Afro_americana_aportes_metodol%C3%B3gicos_y_epistemol%C3%B3gicos. Acesso em: 17 jan. 2026.
- Mundenda, D.; Van Eck, E. The parable of the persistent widow and the unjust judge: A replica of the suffering of widows in Zimbabwe. In: *Verbum et Ecclesia*, v. 42, n. 1, p. 1-8. Disponível em: <https://verbumeteclesia.org.za/index.php/VE/article/view/2244>. Acesso em: 01 fev. 2026.
- Pereira, B. C; Bernardino-Costa, J. O feminismo negro de Patrícia Hill Collins: uma conversa sobre conhecimento, poder e resistência. In: *Revista Sociedade e Estado*, v. 36, n. 3, p. 1085-1111, Set/Dez 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/7Nm7KmJy6Vc54JmRMSMd7qD/>. Acesso em: 15 jan. 2026.
- Richter, I. El poder de una protagonista: La oración de las personas excluidas (Lc 18,1-8). In: *Ribla* 25, p. 59-68, 1997.
- Silva, E. K. S. Da; Conte, D. Resistir é preciso? Feminismos como forma de resistência às opressões. *Fólio - Revista De Letras*, v. 13, n. 1, p. 625-641, Jan/Jun 2021. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/folio/article/view/8311>. Acesso em: 12 jan. 2026.
- Silva, J. S; Bezerra, L. Feminismos e decolonialidade: formas de resistências de mulheres negras, In: *X Jornada Internacional de Políticas Públicas*, p. 1-14, 2021. Disponível em: https://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2021/images/trabalhos/trabalho_submissaoId_949_949612f146f53122.pdf. Acesso em: 09 jan. 2026.

Nathália Montezuma